

13 Poems by Gastão Cruz

Translated by
Alexis Levitin

Gastão Cruz (b. 1941) is the author of 20 collections of poetry, including *A moeda do tempo* (Time's Coin, 2006). In 1975, he cofounded the Theater of Today, a repertory group that performed for over twenty years. For this group he translated Chekhov, Camus, Crommelynck, and Shakespeare into Portuguese. His influential poetry criticism is collected in the volume *Poesia portuguesa hoje* (Portuguese Poetry Today).

Alexis Levitin's publications include contributions to *APR*, *Chelsea*, *Grand Street*, *Partisan Review*, *Prairie Schooner*, *New England Review*, and *Kenyon Review*. He has published twenty-three books, including *Forbidden Words: Selected Poetry of Eugénio de Andrade* (New Directions, 2003), and *Guernica and Other Poems* by Carlos de Oliveira (Guernica Editions, 2004). Levitin is presently completing work on the poetry of Herberto Helder and Sophia de Mello Breyner Andresen, a project begun under a 2003-2004 NEA Translation Fellowship.

Editor's note. Alexis Levitin's translations were done in collaboration with the author. In the past few years, Levitin placed over thirty of Gastão Cruz's poems with *Confrontation*, *Crab Creek Review*, *Dirty Goat*, *Faultlines*, *Folio*, *Marlboro Review*, *Metamorphoses*, *Mid-American Review*, *Northwest Review*, *Osiris* and *Rhino*.

Copypedited by Anna M. Klobucka.

Depois dum sonho

Não deixaste o deserto mas
árvores na casa Em sonho és
o sedutor arbusto reflectindo
para sempre o meio-dia O sol
porém desfaz-se quando as pálpebras
num ardor se entreabrem e te ocultas
nos ângulos do quarto Ausente
és pois o centro
feroz da minha vida transitas
como serpente fria no ventre
contraído escondes-te na
floresta que sem cessar se expande
onde dormíamos E erras
nos limites duma casa
destruída por raízes

After a Dream

It wasn't desert you left behind but
trees here in the house In dream you are
enchanted foliage reflecting
noon forever The sun
however melts away when my eyelids
in ardor half open and you shroud yourself
in the corners of the room Absent
you are now the savage
center of my life You crawl
like a cold snake across my quivering
belly you hide in
the forest that endlessly expands
where we used to sleep And you wander
the confines of a house
destroyed by its thickening roots

Rede

O rosto está atrás
duma rede silábica
reconheço-lhe a boca
de noite interpretando
a floresta no quarto

Reconheço-lhe os lábios
na casa inabitável
onde ausentes juntamos
a fala imaginária
e reconheço os dedos

como dados lançados
sobre a mesa do corpo
todavia alcançada
somente pelo ar
(mais veloz do que água)

Os dentes deixam marcas
enquanto tu te calas
e espalhas
na alma um esperma brando
e ácido

Web

The face is behind
a web of syllables
I recognize its mouth
deciphering by night
the forest in the room

I recognize its lips
in the uninhabitable house
where, absent, we connect
imagined words
and I recognize those fingers

like dice thrown down
upon the table of the body
and still reached
only by the air
(swifter than water)

Teeth leave marks
while you say nothing
spreading
over my soul smooth
and bitter sperm

Entre o mar e a ria

Faltarás algum dia nos meus versos
isto é, na minha vida ou ficarás
nos versos só, atravessando um tempo
que não será futuro como agora

Irei depois mostrar-te uma casa
vazia
entre o mar e a ria
tão semelhante à que as ondas levaram

Soluço

Não poderei
tirar-te desse abismo
sentar-te à mesa
já estou
também, sei bem, um pouco morto,
por ti por esse
dia
que ao formar-se deixou
o soluço do tempo
audível no algodão com que taparam
a tua boca

Between Lagoon and Sea

You will be missing one day from my poems
that is, from my life or else you will remain
only in my poems, passing through a time
that will not be the future as it is now

I will show you then a house
a vacant space
between lagoon and sea
so like the house the waves once took away

Breath

I won't be able
to pull you from that abyss
place you at the table
I, too,
I know it well enough, am also somehow dead,
with you with this
day
that in taking shape left
the breath of time
audible in the cotton with which they stuffed
your mouth

Muro

A transparência espessa
do ar que devagar
se formou tão depressa
em frente do olhar

é a de um muro fluido
que não deixa passar
o impuro murmúrio
da voz sem luz nem ar

Devagar

Por fim despedes-te o murmúrio torna-se
inteligível
Para mim correndo
regressas entre os vivos pilares da natureza
(há quanto tempo?) A roxa flor existe
no fim da primavera
Ouço o sussurro Devagar a terra
já entrega às raízes
o múrmuro dizer

Wall

The thick transparency
of the air that slowly
took shape so quickly
before one's gaze

is that of a fluid wall
that won't let through
the impure murmur
of a voice with neither light nor air

Slowly

In the end you take your leave the murmur turns
intelligible

Running toward me
you return through living pillars of nature
(how long ago?) The purple flower appears
at the end of spring

I listen to the whispering Slowly the earth
gives to roots
the murmuring of speech

Flores do verão

[...]

*sinto-vos, vindes ao rés da terra, como ventos baixos,
poisais no peitoril.*

Fiama, "Epístola para os meus medos"

Epístolas e Memorandos

Estás no meio das árvores dos
pássaros das
sombras no regresso da praia
as flores do verão também estampadas
na solidão da saia outras crescendo
naturais sendo umas o futuro e as da
natureza
o momento presente a estampa que
te envolve saindo
dos arbustos movidos pela leveza
imperceptível quase do espírito
ar
que virá um dia
transformar-te
como do rés da terra um vento baixo
subindo ao peitoril onde te inclinas
para as
flores do verão ainda

Flowers of Summer

*I feel you coming along the ground like low winds,
you settle on the windowsill.*

Fiama, "Epistle to My Fears"

Epistles and Memoranda

You are in the midst of trees of
birds of
shadows returning from the beach
the flowers of summer printed as well
on the solitude of your skirt others growing
naturally some being the future and those of
nature
the present moment the imprint that
surrounds you emerging
from the shrubs moved by the lightness
almost imperceptible of your spirit
air that one day will come
to transform you
like a low wind coming along the ground
then climbing to the windowsill where you
are leaning still
towards the flowers of summer

Velha imagem

Peso do céu que nunca dirá nada
como um golfo de morte um poço
em que não entra o balde que na casa
cortava outrora a escuridão da água

A primavera revelada

Não a primavera interior, interdita, a da casa, nascendo
dentro, entrando para as ruas, memórias breves, marcas eternas
subitamente extintas, dissolvendo a parte fechada dos parques,
absorvendo os narcisos, em infernos exíguos, agora antigos, não
a primavera definida pelos aromas fixos, de interpretação
impossível, a não ser na mutação dos corpos, no conhecimento
das ínfimas estrias, no futuro então explícito, nas ruas de colunas
ondulando ao ar frio, não essa primavera tardia, no futuro
retida, mas a revelação revista, a sucessão das ondas, como quando
a primeira primavera sobre o corpo corria.

Então a voz

Então a voz passou por cima
do oceano
e era um som de vagas
o mesmo som ouvido nos verões
quando a luz sobre a pele
se transformava em água

Old Image

Weight of the sky that will never say a thing
like a gulf of death a well
the bucket cannot enter, the bucket that at home
once sliced into the darkness of the water

Spring Revealed

Not the inner springtime, the forbidden one, that of the house, born within,
entering the streets, brief memories, eternal marks suddenly erased,
dissolving the closed areas of parks, absorbing daffodils, in minute infernos,
now long ago, not the springtime defined by specific smells, impossible to
interpret, unless in the mutation of bodies, in the knowledge of the smallest
furrows, in the future now explicit, in streets of columns undulating in the
cold air, not that delayed springtime withheld in the future, but rather
revelation seen again, the succession of waves, as when the first spring
flowed over your body.

Then the Voice

Then the voice passed over
the ocean
and it was the sound of waves
the same sound heard in summers
when the light upon our skin
would turn to water

A prática da morte

De morte natural nunca ninguém morreu. — Jorge de Sena

Que amor não se explica? — Fernando Pessoa

O tema único é enfim a morte
natural de que nunca ninguém morre
mas como designar a morte de que
se morre? Natural afinal é
qualquer morte mas menos natural
quando na própria vida longamente
reside: é então como se o pássaro
do mito no corpo vivo o bico por castigo
usasse e infinitamente exercitasse
a sua fome abstracta numa vida reduzida
a pasto dessa ave; deixa de
haver passado e o presente
torna-se eterno pois imaginar
o fim e o princípio da nocturna catástrofe
é não só impossível como inútil podemos
meditar, olhando o olhar que nos
olha e implora não sabemos
que forma de silêncio, sobre temas
antigos por exemplo o sentido
da vida lugar continuamente percorrido
por aqueles para quem ela não tem sentido
ou se o corpo é a alma ali tão viva
de pouco servirá todavia
o desejo de com ideias reflexões e teorias
procurar entender, nada na vida
realmente se explica só imagens
*(de noite ao luar no rio uma vela
serena a passar que é que me revela?)*
algo revelam talvez todas sejam
simplesmente o aviso de que um dia
de morte natural as perderemos

The Art of Dying

No one dies a natural death. — Jorge de Sena

What love does not explain itself? — Fernando Pessoa

The only subject in the end is the natural
 death from which no one ever dies
 but how to designate the death from which
 in fact we die? Natural in the end is
 any death but less natural
 when it has dwelt at length
 in life itself: then it is as if the bird
 of myth were to plunge its beak as punishment
 into the living body and endlessly exercise
 its abstract hunger in a life reduced
 to nourishment for that bird; the past
 ceases to exist and the present
 grows eternal for to imagine
 the end and the beginning of the nocturnal catastrophe
 is not only impossible but also fruitless we could
 meditate, gazing at the gaze that gazes
 into us and implores we do not know
 what form of silence, on ancient
 themes for example, the meaning
 of life a place constantly traversed
 by those for whom it holds no sense
 or if the body is the soul so living there
 how little will the desire serve in any case
 that with ideas reflections and theories
 tries to understand, nothing in life
 really explains itself only images
 (*at night in the moonlight on the river a sail*
Serenely passes by, what does it then reveal to me?)
 reveal something maybe all of them are
 just a warning that through natural
 death we will lose them all one day

A moeda do tempo

Distraí-me e já tu ali não estavas
vendeste ao tempo a glória do início
e na mão recebeste a moeda fria
com que o tempo pagou a tua entrada

Ramo

Talvez eu não consiga quanto amo
ou amei teu ser dizer, talvez
como num mar que tu não vês
o meu corpo submerso seja o ramo
final que estendo já não sei a quem

Time's Coin

I looked away and suddenly you weren't there
you had sold to time the glory of beginning
and then into your hand the cold coin fell
with which time paid you for your passage

Branch

Perhaps I will not come to say
how much I love or loved your being,
perhaps as in a sea beyond your seeing
my floating half-sunk body may
be reaching out a final branch
I no longer know to whom